

Stadium

N.º 34 ★ 28 DE JULHO DE 1943



**FRANCISCO INACIO
DO SPORTING**

o homem da tarde no festival de
domingo no Estádio do Lumiar

(foto Nunes d'Almeida)

AS PROVAS NOTAS & COMENTÁRIOS

e a sua organização

O desporto pode ser praticado sem a ideia da competição, mas a competição é um dos melhores estímulos, para a propaganda e expansão do desporto. Poderia servir apenas como objectivo para o treino e como pretexto para o progresso em qualquer modalidade, mas serve muitas vezes de pretexto para a própria actividade dos atletas e dos clubes. As provas constituem, por isso, uma necessidade absolutamente imperiosa.

Sem provas, não há desporto de competição. Verifica-se isto em toda a parte. Quando, pois, se pretender provocar ou forçar a actividade de uma dada modalidade desportiva, é preciso pensar primeiro na realização de provas ou torneios. Mas a sua realização não é problema fácil, ou só é de certo modo fácil nos desportos que dispõem de público e de facilidades para a sua acomodação.

Para pôr qualquer iniciativa desta ordem em marcha, torna-se indispensável pensar num rôr de coisas — fixação das suas características para despertar interesse, escolha de local, estímulo para os atletas, incentivo para os clubes concorrentes, motivo de atracção para o público, escolha de datas, autorização superior para a organização, despesas de organização se houver necessidade de policiamento, preenchimento de várias formalidades legais, pagamento de impostos, etc. Nem tôlas as provas precisam de tanta coisa. Mas tôdas exigem possibilidades financeiras de organização. É natural não pensar em provas para ganhar dinheiro. É, todavia, difícil pensar nelas quando se corre o risco de perder algum...

O facto de ser difícil, não quer dizer que se ponha de parte o problema de organização de provas. O que quer dizer é que devemos criar ambiente favorável a quem pretende organizar-las. Inventar dificuldades é por vezes *contra-producente*. Provocar-se-á, desse modo, o marasmo em desporto. E o desporto carece de movimento e de entusiasmo.

DENTRO do programa de grandes provas internacionais de desporto, projectadas e realizadas na Costa do Sol, seguiu-se, agora, o «Grande Torneio Internacional do Tiro aos Pombos», que reuniu os melhores atiradores portugueses e espanhóis.

A prova decorreu com entusiasmo e brilho durante uma semana — e constituiu um pretexto para a aproximação luso-espanhola em desporto.

INAUGUROU-SE um novo campo de jogos desportivos, no terreno onde funcionou o Bairro Comercial da Exposição dos Centenários. Tem por nome e patrono «Afonso de Albuquerque» — e pertence à Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho. A festa da inauguração teve o devido rêlêo nas colunas do «Stadium». Para aqui, pretendemos apenas pôr em destaque o valor desta nova conquista do desporto.

É mais um campo de jogos — e é, por sinal, um campo com boas instalações para vários desportos.

FERNANDO ADRIÃO teve a sua festa de despedida. E hem a mereceu — pelo valor largo e brilhantemente afirmado em anos sucessivos, em Portugal e no estrangeiro.

A primeira sessão dos campeonatos regionais de natação veio mostrar, na prática, uma coisa já afirmada na imprensa — a necessidade de desocong-stionar os valores da natação lisboense. Nestas provas, a disputa, algumas vezes, entre actuais e antigos nadadores do Alentejo, ganhou mais emoção. Houve mais luta e mais entusiasmo.

A saída de alguns nadadores do Alentejo pode merecer crítica, pelas condições em que se registou. A maior animação das provas, pode, no entanto, contribuir para a maior propaganda daquele desporto. É uma compensação...

APÓS os campeonatos regionais de natação, realizam-se as provas nacionais. A capital despachou já a parte que lhe pertencia. Quando entrarem as outras associações em cena?

Os clubes de Coimbra começaram o seu trabalho de preparação. E fazem-no com o entusiasmo de costume.

UMA das transferências mais curiosas, entre jogadores de futebol, para a próxima época, é a de Conceição Rodrigues, jogador do Benfica, para o Algarve. Começará a provincia a aproveitar jogadores da capital em plena forma?

É uma nova corrente em sentido oposto...

A pista do Estádio do Lumiar voltou a animar-se, no último domingo, com corredores de várias regiões, como preparação de ciclistas e do público para as jornadas internacionais de ciclismo em pista, a realizar em datas próximas. O entusiasmo habitual passou da estrada para o estádio.

ANO XI — Lisboa, 28 de Julho de 1943 — II SÉRIE-N.º 34

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OS últimos tempos têm sido excelentes para a propaganda do remo. Para domingo passado foram marcados os campeonatos de remo, a disputar no estuário do Tejo, magnífico como panorama, mas nem sempre pista excelente para provas de remo. O patrocínio do «Século» deu-lhes rêlêo especial. Devem ter constituído boa propaganda de um desporto digno de melhor expansão.

A Associação Naval de Lisboa reatou a tradição dos passeios náuticos entre os clubes lisboenses da especialidade, organizando uma excursão a Sacavem, Tejo acima, ao longo da margem norte.

O passeio de esvêlnhav decorreu com entusiasmo.

ENTRE as manifestações de actividade em prol do remo merece também registro a viagem tentada por quatro desportistas nabitinos — António Torres, José António Soares, Eduardo Puga e Joaquim Bessa — de Tamar a Lisboa.

Não é uma prova de competição entre atletas, ou de clubes — mas não deixa de ser interessante, como propaganda do escurcionismo náutico.

OS jornais que são órgãos de clubes ou ex boletins oficiais, têm uma função útil — fazer em propaganda mais ampla do que interessa aos seus clubes. Mas podem fazer, e fazem, muitas vezes, propaganda de carácter geral. E lançam com frequência ideias curiosas — com referências que se estendem a todo o desporto.

Encontrámos, há semanas, num destes jornais — no «Sport Lisboa e Benfica» — uma sugestão oportuna: promover a festa do regresso de Espirito Santo aos campos de desporto. A reaparição do popular jogador vai ser um facto digno de rêlêo, não só pelo valor atlético do jogador como pela simpatia que tem sabido grangear.

PELO sr. ministro das Obras Públicas foi concedida a participação oficial à Câmara Municipal de Mortola, na quantia de 23.200\$00, para a construção de um campo de jogos naquela vila.

É mais uma notícia agradável, como prova da protecção oficial que se vai dispensando a coisas e obras do desporto. Registamo-la por isso com muito prazer.

SOUBEMOS que se chamou cruzada de ternura e carinho à visita dos jogadores do Benfica ao Santuário do Outão. Tendo alguns pequenos, inter-nados daquele santuário, mostrado o seu respeito pela vitória do Benfica no campeonato nacional de futebol, os jogadores do popular clube quiseram testemunhar a sua simpatia pelos pequenos indo visitá-los, para lhes levar, com pequenas lembranças, a afirmação do seu reconhecimento.

Cruzada de ternura e carinho — é um título magnífico.

FALOU-SE na reaparição de Ildefonso Rodrigues, o antigo corredor algarvio, que deu inúmeros triunfos e uma cooperação brilhante ao Sporting Clube de Portugal. Mas quem voltou a aparecer, com o entusiasmo de sempre, foi Alfredo Trindade.

O valoroso corredor de Valada não reacquiriu a sua plena forma mas é, at- da, um grande ciclista. É especialmente um corredor que não perde confiança naquilo que pode fazer!

ENTRE os sócios do Benfica foi lançada a ideia de uma grande subscrição dentro do clube, com o fim de reunir fundos para o arrelvamento do campo de futebol.

É uma ideia em marcha.

NOS NACIONAIS DE JÚNIORES

afirmou-se a superioridade benfiquista e a classe de numerosos participantes

Comentários pelo dr. SALAZAR CARREIRA

Os campeonatos nacionais de juniores, que chamaram ao Estádio do Lima os atletas de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, tiveram relevo desportivo, decorreram com grande e constante animação, reuniram assistência numerosa e interessada mas, para nem tudo ser elogiado, sofreram as consequências do péssimo estado de conservação das instalações de atletismo que foram outrora as melhores do país e, nalguns pormenores, da insuficiente preparação técnica de parte dos auxiliares do júri, nomeadamente entre os cronometristas.

Os participantes houveram-se com brio e muitos nos surpreenderam pelas marcas conseguidas; a «massa que leveda» no atletismo português é de prometedora qualidade: em rápida e incompleta revisão dos valores sobressalentes, apercebemos Abreu Lima, Eugénio, Eleutério, Coutinho Monteiro, João Silva, Afonso Marques, Manuel Menezes, Alvaro Dias, Mota Capitão, António Santos, Francisco Correia, Luis Pinto Basto, Luis José Nunes da Silva, Miranda Andrade, Ferreira Monteiro e Costa Pereira, não esquecendo o ausente Mota Cerveira.

A pista do Lima está uma verdadeira lástima e o corredor da corda quasi inutilizável na saída da primeira curva para a recta oposta; é tal o seu estado, que houve necessidade de recorrer a eliminatórias na estafeta 5 x 80 m. para reduzir a cinco o número das seis equipas que se apresentaram para não colocar em manifesta inferioridade o clube que a sorte designasse para a pista interior.

O círculo de onde se lançou o peso e o disco era contrário ao regulamentado porque escavado em relação ao plano do campo e, para agravante, tinha o piso aos altos e baixos e a esboroar-se debaixo dos pés; nenhum dos discóbolos de pernas compridas (Manuel Camões, Miranda Andrade) conseguiu firmar-se durante a volta e os seus alcances foram muito inferiores ao habitual.

A tábua limbo do lançamento do dardo, em vez de cravada ao nível do terreno como manda a lei, estava apenas apoiada, a servir de antepara e isso influíu na classificação da prova, validando lançamentos que noutras condições teriam sido anulados por ultrapassagem.

Finalmente o terreno para o salto em altura era de todos o pior, com a zona central de chamadas — onde na maioria dos casos o saltador aplica a chamada — inaproveitável, pois correspondia à caixa de escorregamento da vara cheia de terra solta e onde o pé se enterrava todo no momento do apelo de impulso. Em tais circunstâncias não admira a pobreza das marcas; muito fizeram os rapazes.

As instalações para os juizes de chegada e cronometristas não satisfazem as necessidades do número de pessoas ocupadas nesses melindrosos serviços. Um pequeno escadote onde mal se sentam três indivíduos e os outros dispostos ao acaso em cacho que lhes prejudica o campo da visão, são processos que deixam fraca ideia da regularidade organizadora das entidades dirigentes.

O mal do Lima foi o mesmo mal verificado nos anteriores concursos nas Salésias; com a agravante da presença de umas tantas pessoas guiadas pelas melhores intenções mas bastante áquem do mínimo exigível de experiência e serenidade. Os tempos indicados constituíram bastas vezes dificultosos enigmas para o júri árbitro.

Corridas e concursos

As corridas foram todas ásperamente disputadas, com excepção dos 3000 metros (valorizados emotivamente pela luta para o segundo

lugar) e da estafeta 3 x 1000 metros cujos vencedores se destacaram com folgada superioridade.

O duelo Abreu Lima-Eleutério nas provas de velocidade foi empolgante e o duplo triunfo do conimbricense maior merecimento possui porque em ambas as finais o rival se escapou à vigilância do juiz de partida, sobretudo nos 150 metros onde bateu nitidamente a pistola.

A recta final dos 300 metros, com Mário Possolo a defender desesperadamente uma vantagem com a qual talvez não contasse; a enérgica embalagem de Coutinho Monteiro que esgotou o campeão de Lisboa cujos últimos metros cambaleantes foram a prova do esforço generosamente despendido; a inteligente prova de Jaime Martins para impedir a entreajuda de João Silva e Manuel Gonçalves e a coragem de Afonso Marques para ultrapassar este último adversário, para quem os cotovels representam auxílio sem escrúpulo nos momentos mais críticos; os progressos do barreirista Francisco Correia, que obrigou Araújo ao seu melhor tempo numa final onde beneficiou duma partida balanceada que escapou despercebida; as lutas admiráveis e empolgantes das equipas benfiquistas e sportingistas nos 5 x 80 m. e nos 3 x 300 m., com Eleutério e Casilho arrebatando o público com o vigor das suas embalagens; eis a lista bem fornecida dos momentos culminantes destes campeonatos de excelentes recordações.

Os três saltos do programa e os três lançamentos interessaram mais do que o habitual porque quasi todos os concorrentes portugueses intervieram na fase decisiva e ainda porque os resultados excederam as médias habituais.

Seis homens saltaram em comprimento mais de 6.^m,10 o que raras vezes terá sucedido até nos seniores. Três concorrentes passaram 2.^m,10 à vara; no lançamento de disco houve a impressão do recorde nacional duas vezes batido, impressão falsa porque houvera engano de mais de um metro na medição do ponto onde fora colocada a bandeira verde-rubra sinalizadora da marca nacional.

Convidados pela Federação para o desempenho do cargo de júri árbitro, diligenciamos aplicar as nossas teorias de acumulação de corridas e concursos, mas o resultado não correspondeu ao que, esperavamos. No domingo, sim, as coisas marcharam a contento e a sessão estava terminada às 8 da tarde, e teria estado às 7. 40 horas sem a necessidade imprevista da eliminatória na estafeta mas no sábado não houve possibilidades de abreviar o programa organizando em comum o lançamento do peso e o salto em comprimento porque Abreu Lima, concorrente de categoria, participou sucessivamente nos 1.500 metros, salto em comprimento e estafeta 3 x 300 metros. Houve a necessidade de intercalar o lançamento.

Valores individuais

O que segue é rápida resenha; vamos diligenciar incluir na nossa secção «Corrija o seu estilo» o comentário à maioria dos novos campeões e estas linhas consagram apenas os nomes que convém reter com vista aos próximos torneios de seniores.

Abreu Lima é um corredor já com personalidade e com o qual devem contar os melhores; tem «pinta» para a especialidade e, se não descuidar o treino, vê-lo-emos na final dos 100 e dos 200 metros nos campeonatos máximos.

Eugénio Eleutério é também muito rápido, mas mais frágil; cedeu de ambas as vezes

ante adversário mais possante e, quere-nos parecer, faltam-lhe alguns quilos de peso.

Coutinho Monteiro excedeu-se nos 1000 metros; tem grandes qualidades e quasi me atrevo a afirmar que será o melhor elemento em meio fundo longo produzido pelo atletismo português; nos três quilómetros foi vítima do esforço da véspera e desistiu esgotado na luta contra adversários que nunca poderia bater.

De João Silva já dissémos todo o bem que pensávamos; é um corredor feito, que esperamos com interesse na légua dos regionais.

António Araújo ganhou as barreiras no seu melhor tempo mas não correu tão bem como pode. O derrube da segunda e quarta barreiras atemorizaram-no para o final do percurso, visto os obstáculos empregados serem do velho modelo, um modelo cuja presença em pista de maneira alguma se justifica. Não queremos deixar sem referência o seu rival Francisco Correia, no qual antevemos um especialista de boa classe.

Sousa Morato ganhou o salto em altura, desempatando pelos derrubos com quatro competidores que todos transpuzeram modesto 1.^m,65. Já dissémos as condições do terreno, e isso justifica tudo. O nosso campeão é rapaz com habilidade e que deve a sua vitória à regularidade e atenção, condições vantajosas num saltador.

Alvaro Dias é das mais promissórias revelações da época; transpôs 3.^m,10 com a vara e estilo rudimentar e em comprimento conseguiu o seu melhor resultado com 6.^m,45 (nas outras tentativas, 6.^m,40-6.^m,39-6.^m,43); quando aproveitar melhor a velocidade, é capaz de todas as surpresas.

António Santos é um habilidoso que aprendeu a forma de saltar, mas cujo balanço é insuficiente e cuja base final de passagem precisa ser corrigida: passa bem as pernas e o tronco, mas derruba com os ombros ou os braços.

Dos campeões lançados o melhor tecnicamente é Luis Pinto Basto, o que não surpreende por ser também o mais esportivo; José Nunes da Silva tem o recorde do disco da categoria ao seu alcance e no futuro será homem para largos cometimentos. Anselmo Pereira é muito irregular, sem estilo definido, pois muda em cada tentativa a forma de conduzir e projectar o dardo e o lançamento vencedor não foi sequer aproximado em qualquer dos outros cinco.

FALTA DE ESPAÇO

Devido à grande falta de espaço com que lutamos, somos obrigados a transferir para o próximo número de «Estadim» a publicação dos últimos depoimentos no nosso curioso inquerito «Que pensa da última época de futebol?».

Pelo mesmo motivo vimos-nos contrariados a retirar também outro original já composto, do que pedimos desculpa aos nossos prezados colaboradores e leitores.

CONCURSO DO «GOAL» DA VITÓRIA

Encontram-se já pagos todos os prémios do nosso Concurso do «Goal» da Vitória — um concurso que deu brado entre os amadores do futebol, pela sua originalidade e pelo valor dos prémios atribuídos.

Vamos proceder ao encerramento das contas, a fim de podermos apurar o saldo que existe, em virtude da desistência dos concorrentes contemplados com prémios pequenos — e que grande maioria sugeriu fossem entregues à Casa dos Vendedores de Jornais.

Esta entrega será feita oportunamente, do que daremos conhecimento aos nossos leitores.

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes



4—O joelho esquerdo vai executar a descida, afastando a coxa em abdução, o que obriga a bacia a rodar para a direita e safar a anca inferior do toque da barra. É neste momento que se faz sentir o inconveniente da má posição dos braços, pois o recuo do braço esquerdo roda o tronco para a esquerda, em sentido inverso à bacia, dificultando portanto o afastamento posterior e inferior da coxa e joelho esquerdos.

2—Matos Fernandes e Martins Vieira nos 200 m. barreiras. 1—O pé assentou com a ponta desviada para fora e, em consequência, o joelho está fletido em abdução; nestas condições a impulsão da passada imediata é aplicada fora do eixo da corrida.

2—Posição correcta desta segunda perna: a coxa volta ao plano antero-posterior, a perna desce do plano horizontal em que transpõe a barreira. A situação dos braços, muito afastados do corpo e ambos lançados à rectaguarda, complica ainda a eficiência da impulsão que vai seguir-se; o braço esquerdo devia estar no início da oscilação para a frente, o direito ainda em condições de recuar, visto a fase ser de apoio completo.

3—Exagerada elevação; não é uma passagem de barreira, é um salto que implica apreciável perda de tempo.

O motivo principal d'este erro deve ser a posição de passagem da segunda perna, que não se afasta o suficiente em abdução.

4—No momento da subida para a barreira, ambos os braços devem vir à extensão anterior, a pucharem pelo corpo para diante.

3—António Calado, corredor do meio-fundo. 1—A posição dos braços é perfeita, com o antebraço anterior pouco desviado do plano horizontal e o cotovelo pouco aquém do plano transversal do corpo. Nota-se apenas acentuada e desnecessária rotação do eixo escapular, talvez consequência da fotografia ser feita à saída da curva.

2—O joelho ligeiramente fletido faz perder alguns centímetros na passada, mas é justificável (embora houvesse conveniência em aproximar mais de extensão) pela necessidade de amortecer o choque no terreno duríssimo da pseud-pista. O pé,



em relaxamento, na perpendicular ao eixo da perna, como manda a regra.

3—As pernas estão no máximo de abertura de compasso e, nestas condições, a posição da perna posterior que acabou a impulsão corresponde à fase passiva da suspensão, que o corredor aqui aproveita ao máximo.

4—Na fase de impulsão, o joelho subiu pouco e o passo vai ser curto, porque o pé veio baixo na sua deslocação de trás para diante (faltou trazer o calcanhar junto da nádega a-quando da oscilação progressiva do joelho). A fotografia não permite exame perfeito, mas parece que o joelho da perna em apoio está fletido, o que é defeito indispensável de corrigir.

5—Os braços trabalham bem: abertura do ângulo no que se desloca adiante, sem torção dos ombros, bom recuo do cotovelo posterior acompanhado de flexão de ante-braço. A acção tractiva dos braços exerce-se assim no sentido da marcha e não para cima, como sucede quando o punho se eleva à frente porque se mantém o perpendicularismo braço-antebraço.

Salazar Carreira

D. S.—Parece que esta secção interessa. Recibi uma carta muito atenciosa, a cujo autor apenas censuro o anonimato—que é sintoma de pusillanimidade moral, para o caso inutil—onde me apontam em faduciosas considerações insuficiências de criticas, que de facto não existem porque o meu objectivo não é aquelle que supõe o correspondente. Não procuro nestas máximas analisar e criticar o estilo completo do atleta, mas apenas anotar na fase que a fotografia captou os defeitos e virtudes visíveis.

Para comentar todo o exercicio precisaria de uma série de fotografias; talvez li cheguemos, se a paciência no amparar e o Nunes de Almeida estiver em maré de disposição laborável...

Nos comentários apresentados na carta, e que demonstram conhecimentos e estudo a que presto justiça, há no entanto enganos de visão (Castinho Guerreiro não lança as duas pernas ao mesmo tempo) e indicações que coincidem com aquelas por mim apontadas. — S. C.



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



Inauguração da Carreira de Tiro Reduzido do Lisboa Gimnásio: 1—No copo de água oferecido aos convidados e Imprensa; 2—O sr. major Amílcar Coelho corta a fita simbólica em nome do Director da Arma de Infantaria; 3—Jorge Torreira de Sousa, activo director do L. G. C., a cujo entusiasmo se deve a nova carreira de Tiro.—Ecos do concurso do «Goal da Vitória»: 4—O jantar dos jogadores do Sporting, a que nos referimos noutro local.—Campeonatos Militares de Egrima: 5—Os oficiais concorrentes às provas de espada e sabre, ganhas, respectivamente, pelo capitão Augusto Manuel das Neves e Alferes Eurico Gonçalves.—A despedida de Fernando Adrião: 6 e 7—O conhecido desportista rodeado pelos elementos que tomaram parte no festival efectuado há dias.



O PRESTÍGIO DE UMA PROFISSÃO

IX

A necessidade de defesa determinou ao homem a aliança ou ligação com os seus semelhantes. Foi e será assim desde os primeiros tempos deste mundo em que vamos vivendo — até um dia...

A associação foi um meio de defesa, para mais tarde ser o princípio de entendimento e de união de povos, no sentido de atingirem fins determinados.

No estado corporativo, todas as profissões foram condicionadas nos seus sindicatos, organismos destinados à defesa dos seus associados e também ao cumprimento da lei que nos rege.

Os profissionais da Imprensa — já aqui o dissemos em artigo anterior — têm a sua posição assegurada e defendida pelo respectivo sindicato profissional.

Erradamente, porém, a filiação no mesmo foi restringida a um número — ou a uma exigência. E, assim, temos de acatar essa disposição, nós, os jornalistas desportivos profissionais, até que nos sejam abertas as portas do sindicato, tal qual teve de suceder aos fotógrafos que, não sendo profissionais de Imprensa, têm, no entanto, o seu lugar assegurado e legalizado dentro do respectivo sindicato.

Teima-se ainda em afastar do sindicato dos profissionais da imprensa os jornalistas desportivos que auferem remuneração certa, como se não fossem todos obreiros do mesmo ofício.

Não será porventura o jornalista desportivo um especializado, tal qual sucede a tantos outros que escrevem sobre determinados assuntos?

Mas se o sindicato dos profissionais insiste na sua forma de ver, isto é, se não concede um lugar dentro do seu grémio, porque não organiza, com direitos e deveres a estudar, uma secção para a imprensa desportiva, que tem tanto direito a ser considerada e ouvida como toda a outra imprensa — sua irmã mais velha?

Pretenderão, por acaso, negar a força que os desportos traduzem, o que representam hoje na vida da Nação e o que virão a ser no futuro?

A actividade desportiva constitui actualmente um dos pilares do estado, do povo, do país — e mal está que no momento em que o governo da Nação resolve crear um organismo para orientar a pratica e propaganda dos desportos, aqueles que trabalham para ajudar tal obra, os que se sacrificam por tão justa causa, não tenham também do Estado aquela atenção, aquele cuidado que é indispensável prestar-lhes.

A Bem dos Desportos e portanto a bem do interesse nacional, urge que se tome em atenção o esforço desinteressado de todos aqueles que têm contribuído para que os desportos portugueses atingissem a cravaria onde chegaram — e da qual já não podem descer, para bom nome do país.

Teriamos assim ensejo para criar organização mais perfeita e metódica na imprensa desportiva, com possibilidade de arredarmos do nosso meio todos aqueles que têm falsa noção das suas responsabilidades como jornalistas.

A associação dos jornalistas desportivos deveria, pois, ser um facto dentro do pouco tempo.

Organismo-nos, porque ao fazê-lo tratamos não só da nossa defesa, mas, mais ainda — da defesa do desporto nacional e do seu prestígio.

MÁRIO AFONSO.

Stadium na Capital do Noite

ATLETISMO PORTUENSE Os campeonatos regionais de júniores

NO Pôrto são campeões regionais de júniores em 1943:

80 metros — José Romero (F. C. do Pôrto), 10 s.; 150 metros — José Romero (F. C. do Pôrto), 17 s. 8/10; 300 metros — Sebastião Pereira (Ac. de Braga), 39 s.; 1000 metros — Francisco Coutinho (Académico), 2 m. 49 s. 2/10; 3000 metros — Francisco Coutinho (Académico), 9 m. 48 s. 4/10; 83 barreiras — Gérard d'Alexandry (Académico), 13 s. 4/10; 5 x 80 metros — Académico (Nelson, Dário, Neves, Beato e Almolda) 48 s. 7/10; 3 x 300 metros — F. C. do Pôrto (Landolt, José Romero e Póvoas) 2 m. 2 s.; 3 x 1000 metros — Académico (Laurentino, Burnay e Coutinho) 8 m. 57 s.; Altura — Gérard d'Alexandry (Académico), 1,660; Comprimento — António Landolt (F. C. do Pôrto), 6,220; Vara — David Severino (F. C. do Pôrto), 2,990; Triplo Salto — Gérard d'Alexandry (Académico), 12,338; Dardo — Martins Abreu (Ac. de Braga) 39,009; Disco — Gérard d'Alexandry (Académico) 31,555; Pêso — Gérard d'Alexandry (Académico) 13,884; e Martelo — Valdemar Faria (F. C. do Pôrto), 28,116.

Pela tabela seguinte verificará agora o leitor os «tempo» e as «marcas» registadas em Lisboa e no Pôrto:

	Lisboa	Pôrto
80 metros	9 ^m 2/10	10 ^m
150 metros	17 ^m 2/10	17 ^m 8/10
300 metros	37 ^m 5/10	39 ^m
1000 metros	2' 46 ^m 7/10	2' 40 ^m 2/10
3000 metros	9' 8 ^m	9' 48 ^m 4/10
83 barreiras	12 ^m 8/10	13 ^m 4/10
5 x 80 metros	46 ^m	48 ^m 1/10
3 x 300 metros	1' 54 ^m 5/10	2' 2 ^m
3 x 1000 metros	8' 27 ^m 4/10	8' 57 ^m
Altura	1,670	1,660
Comprimento	6,227	6,220
Vara	3,110	2,990
Disco	33,549	31,555
Pêso	13,955	13,884
Dardo	40,115	39,009

Para a história: em 17 e 18 de Julho realizaram-se, finalmente, os primeiros Campeonatos Regionais de atletismo do ano de 1943! E isso deve-se, ainda, à boa vontade e ao esforço de Roberto Machado, visto que os dirigentes voltaram a não comparecer na sua quasi totalidade. . . E verdadeiramente inconcebível o que se está a passar com o atletismo portuense!

Registe-se: os Campeonatos Regionais de Júniores foram um facto, porque o Académico cedeu a sua pista e meta-dúzia de «adicionados» à modalidade se pronunciar, à última hora, a fazer o sacrificio. . .

A-pesar da Direcção Geral procurar dar solução à triste situação do nosso atletismo,

nomeando uma Comissão Administrativa para a A. P. A., somente dois vogais dessa Comissão estiveram presentes às provas.

A organização foi pobre, fraquíssima mesmo. Mas haverá o direito de exigir melhor a quem foi para ali, à última hora, sem prévia preparação?

Os resultados técnicos não estiveram, de maneira geral, de acordo as possibilidades dos concorrentes, mercê do tempo chuvoso e frio que se registou à hora das provas.

A maioria dos nossos atletas não dispõe de agasalhos suficientes para um estado de tempo como o de sábado e de domingo, e outra parte deles não dá importância a esses pormenores, permitindo-se passar pela banda sem estarem convenientemente resguardados do frio, ou a sentarem-se comodamente, momentos antes das provas, na relva molhada. É preciso que os treinadores das equipas não permitam aos seus atletas tais liberdades, que são a causa de muitos factos graves.

Os clubes apresentaram-se com entusiasmo e deram mostras evidentes de trabalho, o que é agradável de registar-se.

O Académico triunfou por equipas, e a sua vitória é ainda digna de maior realce perante a renhida luta que teve de travar com o F. C. do Pôrto, e só foi possível depois de se recorrer ao número de títulos conquistados, visto que em pontos as duas equipas terminaram empatadas: Académico do Pôrto, 40 pontos (9 títulos); F. C. do Pôrto, 40 pontos (6 títulos); Académico de Braga, 15 pontos (2 títulos); Saigueiros, 2 pontos; Operário, 1 ponto.

Foi na última prova da jornada (3 x 300) que a classificação final se resolveu, e por isso mesmo o público teve fortes motivos para se entusiasmar e emocionar. Antes da disputa dos 3 x 300, o Académico gozava da vantagem de 1 ponto, e o Pôrto precisava, para ganhar o campeonato, não só de vencer essa última prova — o que se admitia — mas também de classificar a sua equipa B em 2.º ou 3.º lugar, ou ainda ver a Académica de Braga no 2.º posto, pois ao Académico bastava este 2.º lugar para ficar campeão. E por aqui fácil será avaliar o ambiente de espectativa que rodeou a última prova do campeonato.

A-final, o Académico soube defender-se muito bem e no último percurso Burnay deu-lhe a vitória com uma corrida de merecimento, pois até aí a equipa B do F. C. do Pôrto esteve à beira da conquista do 2.º lugar, mas acabou em 4.º, deixando que a Académica de Braga se classificasse em 3.º. Foi esta a nota mais importante do Campeonato, que não deixou saudades. . .

EDUARDO SOARES

Notas... sem valor

— Larga discussão no gabinete directivo do «volley-ball». Dois dirigentes, por questões clubistas, estão demissionários. Está em «litígio» um jogo do campeonato regional, entre dois grupos da Associação do Pôrto. O «trio» não concorda com a «imposição» dos discordantes.

— Acabou o «enguiço» no «hockey» em patins: o Académico, no primeiro jogo do Campeonato Nacional, disputado no rinh das Condominhas, bateu o Infante Sagres. Foi com toda a limpeza, sem a «muleta» de Cândido Pinto. Na turma de Lordelo havia uma falta — a do defeza António Soares. Mas o Académico com a sua «rapaziada», jogou.

— Dirige com muito acerto a secção de ténis do Académico um «rapaz» de iniciativa, persistente ao máximo, com uma finalidade — servir o seu clube, sem «rótulos» de benemérito. Muito calado, concentra o seu espirito na obra a realizar. Em pouco tempo, os «courts» do Académico transformaram-se em «red-niões» da gente de ténis.

— Tivemos os regionais de júniores, na pista do Lima. . . Quatro equipas, com «altos e baixos» — na expressão mais convincente, bom e mau. . . A turma «fantasma» foi imponente para dominar o conjunto do Lima. A divisão de campeonatos regionais é o maior argumento da superioridade atlética.

A SOCIEDADE DE TIRO N.º 2

ANTIGO GRUPO PÁTRIA

Vai comemorar as suas «Bodas de Ouro»

O tiro civil é um desporto que tem em Portugal tradições brilhantes, com os mais honrosos prémios, obtidos no estrangeiro ao lado dos melhores nomes da especialidade.

É dos desportos mais antigos que se pratica no país, mantendo, através dos tempos, brilhante posição. Nomes de desportistas distintos têm o seu passado ligado ao tiro civil — ou desportivo — que tomou posição de destaque entre nós e passou a ser uma das mais movimentadas secções dos principais clubes.

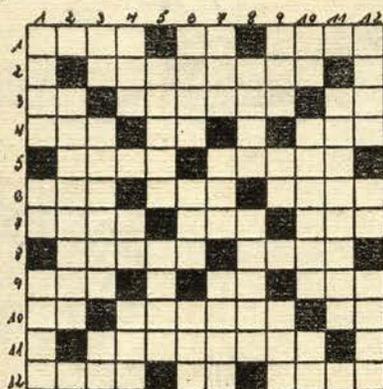
A guerra, com as suas dificuldades, veio prejudicar um tanto este desporto, tendo em vista o custo actual de armas e munições. Mesmo assim, apresenta movimento de enorme interesse e, se nem todas as carreiras funcionam com a mesma regularidade, as provas vão aparecendo com excelente organização e número entusiástico de concorrentes.

Das colectividades que continuam mantendo mais acentuada actividade destaca-se a Sociedade de Tiro n.º 2 — o antigo Grupo Pátria — com sua história brilhante no desporto português, e que neste momento comemora as suas «Bodas de Ouro». E 50 anos de vida de uma colectividade desportiva, especialmente com as características desta agremiação, representam algo de valor e de muito prestígio — como sucede com este «Grupo Pátria», recheado de honrosas tradições, a lembrar factos admiráveis do desporto e dos seus praticantes, desde há meio século.

Relembrámos há dias a vida desta Sociedade de Tiro, rodeados de recordações que são os melhores pergaminhos da história destes 50 anos de vida: os lindos trofeus, as medalhas, os tantos e valiosos diplomas concedidos e as fotografias, algumas de figuras de imenso valor neste desporto.

À LAREIRA

Palavras cruzadas



Papagaio Lairs
Visen

PROBLEMA N.º 19

HORIZONTAIS: 1 — Casa de campo; Chiste; Pensamento. 2 — Estimado. 3 — Aqui; Construído; Nota mus. 4 — Hóspede; Causa; Linguagem. 5 — Enfadado; Censar. 6 — Confederação; Caminho; Planta labiada, espécie de gentil (pl). 7 — Também; Grita; Dignidade militar entre os turcos. 8 — Velhice; Demanda. 9 — Pronome pessoal; Queixume; Nome de mulher. 10 — Perdido; Advertir; Nota mus. 11 — Bordejaria. 12 — Ovado; Atmosfera; Uma das línguas indias vernáculas, falada em Orizá.

VERTICAIS: 1 — Vitela; Grito de dor; Morrão. 2 — Fortifica. 3 — Ali; Cunha moeda; Instrumento de poder. 4 — Bebida alcoólic, usada por alguns insulares do Pacífico; Injusta; Arvore cuja casca aromática o vinho. 5 — Energia; Tive de restituir. 6 — Modelo; Alumen; Assanho. 7 — Sorria; Beneficente; Vir a propósito. 8 — Matilha de cães em correria; Unfr. 9 — Partido; Zomba; Torrente. 10 — Piedade; Purificada; Tabac. 11 — Ilusão (pl). 12 — Cantiga; Apellido; Odela

Estivemos na Sociedade com dois dedicados e valiosos elementos da colectividade: um, dos antigos, o conhecido desportista sr. António Montez, mestre atirador de espingarda de guerra, campeão distrital, regional e nacional de pistola de guerra e de precisão, campeão olímpico — nosso representante nos Jogos de Paris em 1924 e apurado para os de Amesterdão e Antuerpia; o outro, dos novos, mas de merecimento absoluto — Joaquim Ramalho Sampaio, campeão distrital e regional, campeão de Portugal da juventude, mestre atirador de carabina.

Os dois — cada qual recordando o «seu tempo» — forneceram a «Stadium» estes breves apontamentos, com que assinalamos o honroso aniversário da Sociedade de Tiro n.º 2.

Ao então chamado «Grupo Pátria», fundado em 1893, se deve a introdução em Portugal do tiro civil. Era um sólido grupo de desportistas, a que a modalidade ficou devendo, durante largos anos, toda a sua excelente actividade nacional. E como nesse tempo se tornava necessária uma frequência assídua às carreiras de tiro — para evitar o seu encerramento — foram os atiradores do «Grupo Pátria» que com provas consecutivas conseguiram ter franqueadas as portas da carreira de tiro de Pedrouços.

Recordar os cinquenta anos do Grupo é reviver um período magnífico da nossa vida desportiva. O rei D. Carlos I — grande entusiasta do tiro civil — seguindo com interesse os concursos de Pedrouços; a prova «Centenário da Índia», em 1898, quando os portugueses venceram brilhantemente o grupo de atiradores suíços que se encontravam em Lisboa — e tantas outras provas de que falam os documentos históricos da S. T. n.º 2.

Com a implantação da República veio a organização dos concursos de tiro sob os moldes internacionais.

O novo período não foi de menos interesse. Numa prova entre atiradores civis e militares juntaram-se perto de 2.000 praticantes! Disputava-se a «Faça de Honras», do Ministério da Guerra. A destinada aos civis lá está rodeada de todos os outros trofeus na S. T. n.º 2.

E, depois, quantos triunfos, quanta iniciativa valiosa, em favor do tiro, se deve à colectividade em festa, que desfruta entre as Sociedades de Tiro de todo o país a maior consideração. É percorrer o arquivo da correspondência!

A sua mais recente acção veio trazer ao tiro civil a satisfação de um desejo enorme: a reabertura das carreiras de tiro aos atiradores civis.

A Sociedade de Tiro n.º 2 entusiasmou-se com a iniciativa, apoiada pelos incitamentos das colectividades congêneres de todo o país. Tentou — e conseguiu — a reorganização da Federação Portuguesa de Tiro, para então tratar do assunto. Os resultados são conhecidos — e até hoje milhares de tiros se dispararam já na carreira de Pedrouços e nas de todo o país.

A par de tão valiosa actividade desportiva, com sua história de cinquenta anos, a S. T. n.º 2 recorda, nesta altura, alguns dos seus mais prestigiosos elementos — uns já falecidos, outros acompanhando ainda a vida da Sociedade.

A recordação saúdosa lembra atiradores como o dr. António Martins, que foi a nossa maior figura de campeão, Eduardo Aldim, José Honorato Mendonça e Joaquim da Silva Raposo, e dos ainda felizmente vivos — coronel Joaquim de Azevedo, Ligório da Silva e Francisco António Real, Paulo Santos Mendonça, Adolfo Ferreira de Lima, capitão Ma-

«CORRIJA O SEU ESTILO»

TÊM despertado justificado interesse os artigos, subscritos pelo nosso prezado colaborador dr. Salazar Carreira, sob a rubrica «Corrija o seu Estilo».

O nosso estimado colega «A Voz Desportiva», de Coimbra, publicou no seu número de 19 do corrente a seguinte local:

«Atletismo — Na «Stadium», o distinto técnico dr. Salazar Carreira apresenta, com a sua comprovada competência, correcções ao estilo dos atletas em actividade nos campeonatos lisboetas, servindo-se de excelentes fotografias que aquela revista insere, a par das «lições» do dr. Salazar Carreira.

Porque aqueles dados técnicos servem bem todos os que praticam o atletismo, para eles chamamos a atenção dos nossos atletas, confiadamente em que com esta «chamada» bastante de útil fazemos pelo aperfeiçoamento das suas «fórmass».

Os nossos agradecimentos.

BIBLIOGRAFIA DESPORTIVA

O ATLETISMO

por Eduardo Soares

O jornalista e antigo campeão portuense Eduardo Soares, nosso estimado colaborador, publicou há tempos uma interessante obra sobre atletismo, na qual trata desenvolvimento e técnica e os regulamentos desta bela modalidade desportiva.

O autor acaba de ter a gentileza de nos enviar o seu trabalho, que se encontra dividido em vários capítulos, onde trata, com o conhecimento e o entusiasmo que lhe são peculiares, e ainda com o maior desenvolvimento, da ginástica, higiene e alimentação recomendável aos praticantes do atletismo; do programa geral da respectiva preparação, com conselhos gerais aos corredores; e das corridas, saltos, lançamentos, etc.

Este interessante e útil manual fecha com judiciosas considerações sobre a actividade da mulher no atletismo e inclui o regulamento técnico e de «records» da Federação Portuguesa de Atletismo.

E, em resumo, um livro que deve figurar na biblioteca de todo o bom desportista.

Edição cuidada de Domingos Barreira (Livraria Simões Lopes), do Porto.

nuel Silva Guerra, António Maria Carvalhosa, António Falagueiro e tantos outros, rodeando os fundadores do «Grupo Pátria», srs. Heitor Ferreira e dr. Alfredo Fonseca.

Mas a S. T. n.º 2 tem nos seus novos representantes um grupo valioso de atiradores, honrando as brilhantes tradições da colectividade e do tiro nacional.

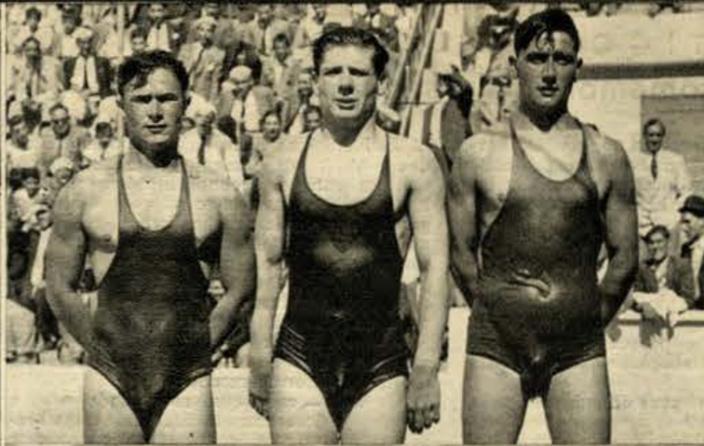
Joaquim Ramalho Sampaio, Mário Borges Lança, José Rodrigues da Silva, António Flôr d'Arim, Luís Howorth, Júlio Marques, Eugénio Silva, Joaquim Pestana, António Justo, José Mateus, Lagrange e Silva, Carlos Mafra, António Ramalho, Álvaro Leitão, Leal Ribeiro, Alfredo Fernandes e Joaquim Marques de Oliveira, entre outros, defendem com brio e desportivamente a posição do antigo «Grupo Pátria» no tiro civil.

Ao comemorarem-se as «Bodas de Ouro» da S. T. n.º 2, a sua direcção, constituída pelos srs. Alberto Maria Bravo, presidente; Joaquim Ramalho Sampaio, vice-presidente; Mário Montez, tesoureiro; Mário Almeida, 1.º secretário; e Constantino Leal Ribeiro, 2.º secretário, elaborou um vasto programa de comemorações, entre as quais avuliam a romagem ao monumento do dr. António Martins, em Abrantes; exposição de trofeus do «Grupo Pátria», banquete de confraternização e as provas de tiro «Presidente da República» e «Câmara Municipal de Lisboa», para serem disputadas pelas sociedades de tiro de todo o país, e prova «Bodas de Ouro», inter-sócios — assinalam condignamente o meio século de actividade desportiva da nossa primeira colectividade de tiro civil.

Campeonatos Regionais de Natação



Lucília Angeja, que venceu os 60 metros, infantis, ladeada por Teresa Domingues e Ilda Teixeira.



Baptista Pereira, campeão dos 400 metros, e Mira Gomes e Jofre de Carvalho, 2.º e 3.º classificados.



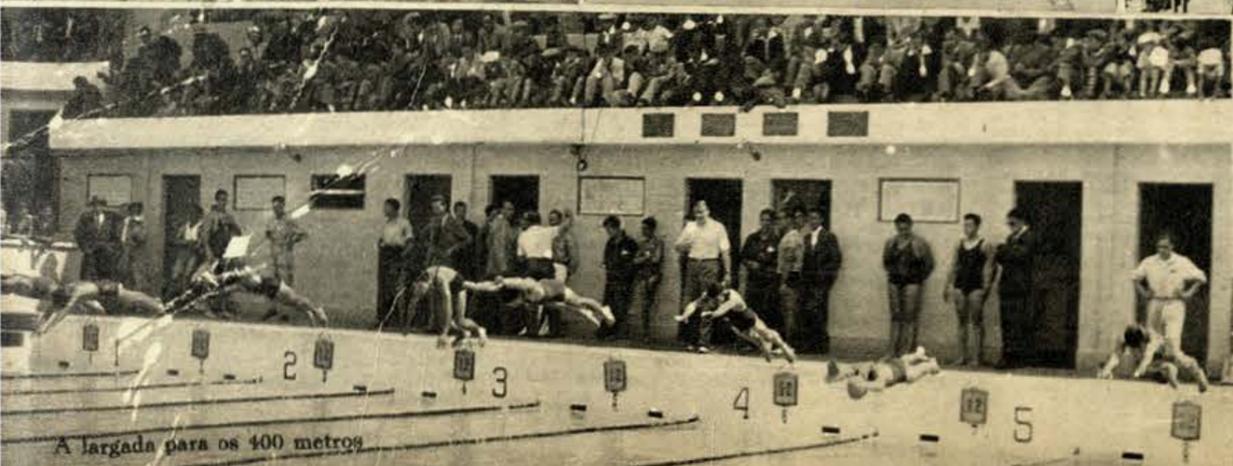
Rosa Lopes, Hosi Heymann e Margarida de Almeida, 1.ª classificadas nos 60 m. grupos principiantes.



Um belo salto de G. Gonçalves



Uma "sereia" em acção



A largada para os 400 metros

Mais uma animada tarde de CICLISMO no Estadio



Uma fase das "duas horas à americana".



Em pleno "critério" de velocidade.



A apresentação ao público de J. Lourenço, A. Raposo, J. Martins e E. Lopes, recém-chegados de Madrid.



Um "sprint" que provocou discussão. A fotografia pode desfazer as dúvidas quanto à vitória de Inácio ou de Ferreira.

CICLO-TURISMO: Algumas concorrentes à 2.ª prova do campeonato distrital.



Aspectos da recepção U. V. P. dos ciclistas portugueses que correram em Espanha.



CAMPEONATOS NACIONAIS DE REMO

ANTES de nos referirmos ás provas propriamente ditas, é justo que falemos da organização. Sentimo-nos satisfeitos em mostrar, finalmente, ter palavras encomiásticas para os organizadores. O Clube Naval de Lisboa, a quem a F. P. Remo cometeu o encargo de promover este ano as regatas, não podia ter sido mais feliz. Em todos os pormenores se vincou o desejo de fazer mais e melhor, em relação ao que se tem feito em provas similares.

Citemos: além da tribuna do júri de honra e efectivo, e de um local, com elevado número de cadeiras, havia desta vez uma prancha, frente à tribuna, onde os vencedores atracavam, subiam e iam receber os seus prémios imediatamente; um belo serviço de som, montado pela Emissora Nacional, em ligação permanente com o local da largada e com a mesa de júri, mantendo o público sempre ao facto do que se ia passando, não só durante a prova, como revelando todos os pormenores antes das largadas. Esta inovação do cânião sonoro, interessantíssima e útil, pois foi também aproveitada para a propagação do remo (o locutor contou todas as virtudes da modalidade), mereceu da assistência os mais entusiásticos louvores. Nunca entre nós se adoptou semelhante sistema — e, entretanto, até tecnicamente é de aconselhar a repetição, pois serve para propagação de termos náuticos, ilucidando o público, interessando-o e — quem sabe? — chamando positivamente adeptos.

Intencionalmente, guardamos para o fim o capítulo «horas de largada», em que tanto temos demonstrado, com razão às carradas, o nosso descontentamento. Desta feita, nada a censurar. Algum dia havia de ser...

A primeira prova, marcada para as 9,30, começou às 9,45. Não pedimos mais. Conheçemo-nos de sobra os imponderáveis e as dificuldades de uma organização deste género. Admitimos perfeitamente o atraso de um quarto de hora. O que não podemos tolerar — e a ideia da propagação condensa — é o retardamento de uma hora, como tem sucedido em organizações precedentes — do próprio C. N. L. L. . .

Por tudo, o Clube Naval de Lisboa merece o aplauso geral: dos concorrentes, do público e da crítica.

Passemos agora ás regatas, analisando-as pela ordem como foram disputadas.

«Out-rigger de 2 senior»: O Clube Fluvial Portuense correu sem competidor. Campeão nacional da época passada manteve o título sem dificuldade de maior. Alargou-se-nos, no entanto, pouco enérgico, resultante naturalmente da falta de competição.

«Yollen de 4 junior»: Na largada, o G. D. da C. U. F. tomou imediatamente vantagem. O Ginásio Figueirense deu boa réplica. A 1.000 metros, a luta prometia equilibrar-se, mas os cullistas, num óptimo arranço, não consentiram a aproximação dos figueirenses. A vantagem de 3 comprimentos, firmada aos 1.600 metros, foi mantida até à meta.

Os remadores da C. U. F. denotaram maior dureza, mais vigor na passagem do remo pela água. O Ginásio Figueirense tem uma prometedora tripulação. É um conjunto a cultivar. Tempo: 7 m., 31 s. e 2/5.

«Yollen de 4 principiante»: Luta renhida-sima até meio do percurso, entre o G. D. Ferroviário do Barreiro e G. D. da C. P. Quasi aos 1.000 metros, a C. P., mais vigorosa, de ritmo mais certo, tomou a dianteira. Na meta, tinha uma vantagem de 3 comprimentos. Triunfo muito interessante, a premiar a tenacidade dos rapazes da C. P. e a persistência do seu treinador, Guilherme Capelo. O percurso foi de 1.500 metros. Tempo: 5 m., 27 s. 1/2.

«Yollen de 4 senior»: Três concorrentes, mas só dois se equivaleram. O Clube Vasco da Gama, de Barcelos, aureolado com o título de campeão regional do Norte de 1943, desiludiu. Não por perder, é claro, mas porque o seu estilo é muito deficiente. O Naval Setubalense foi a melhor tripulação. Cadência

muito certa, com um vigor esplêndido. Menos possante ou confiante, por a força da proa estar avariada, a C. U. F., que ficou a 2 comprimentos, iniciou a regata à média de 30 remadas por minuto. O Naval Setubalense confirmou o título ganho o ano passado. Tempo: 7 m., 59 s. 1/2.

«Out-rigger de 4 senior»: Uma regata recheada de peripécias, que atrasaram a boa sequência das restantes provas. O S. C. do Porto não correu, cedendo o seu barco ao Galitos, de Aveiro. No momento da largada, feita 60-bregeiras, os campeões nacionais de 1942, lutando com infelicidade manifesta, viram o barco afundar-se. Como o acidente se verificou dentro do primeiro minuto, repetiu-se a largada, após certa demora, para pôr o barco a flutuar.

Finalmente, iniciada a corrida, a Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz, alcançou imediatamente um barco de vantagem. A Naval de Lisboa perseguiu de perto os figueirenses — distanciados já os homens de Aveiro, a remarem com compreensível nervosismo e certamente nenhuma confiança. A Naval 1.º de Maio não mais cedeu a vanguarda, exibindo indiscutível superioridade, se não de técnica, pelo menos de poder de arranque. O Galitos descafu demasiadamente para o mar, vindo a entrar por fora da meta, o que lhe valeu a desclassificação. O que se chama perder um título ingloriamente, sem poder dar a medida exacta das suas possibilidades...

A Naval 1.º de Maio traduziu em 6 comprimentos, a superioridade.

A Naval de Lisboa bateu-se bem, mas deu-nos a sensação de ter terminado demasiadamente fatigada. Excesso de treino?... Tempo: 8 m., 0 s. 2/5.

«Out-rigger de 2, junior»: Boa prova do Fluvial Portuense, que deixou o Viana F. C. a 5 comprimentos. Corrida de pouca emoção.

«Skiff, junior»: Esau Jorge, do Ginásio Clube Figueirense, percorreu os 2.000 metros sem pressas.

«Skiff, senior»: António Ferro, do Clube Naval de Lisboa, ganhou absolutamente à vontade o seu 3.º campeonato nacional. E parece que tão cedo não haverá entre nós quem lhe faça sombra...

«Out-rigger de 4, junior»: Das quatro tripulações, o Ginásio Clube Figueirense foi de longe o melhor, sob todos os aspectos. Entretanto, a prova teve muita emoção. Cerca dos 1.000 metros, os barcos do Ginásio Figueirense e do Clube Naval de Lisboa, que vinham à frente, chocaram. O juiz-árbitro interrompeu a corrida, para depois a recomear no local do acidente. Aqui parece-nos que houve lapso da sua parte: devia, ao dar a nova largada, respeitar as distâncias que os concorrentes tinham entre si, e não alinhá-los de novo. Um pormenor técnico importante, que é necessário ter sempre na devida conta.

O Ginásio Figueirense, no recomêço, conquistou rápida supremacia, de tal forma que sobre a meta tinha 12 comprimentos de avanço. Os Ferroviários do Barreiro, em duelo emocionante; foram superiores à Naval 1.º de Maio. Uma citação especial ao Clube Naval de Lisboa, cuja tripulação, principiante deste ano, se comportou de molde a merecer incentivo.

«Out-rigger de 8, senior»: A grande regata. A mais bela e emocionante. O Fluvial Portuense começou da melhor maneira, a 40 remadas por minuto. O Sport C. do Porto fazia a 35 e a Associação Naval de Lisboa 30. Os dois conjuntos do Norte alteraram-se no comando. Os campeões nacionais do ano passado buscam aproximar-se e conseguem-no, numa remada magnífica. Tanto no rio, como na margem, o sistema nervoso dos assistentes, está em ebulição. O Fluvial Portuense, aos 1.600 metros, usufrue pela última vez de vantagem e a A. N. L. perde contacto com a frente. Daí em diante, o Sport coloca-se à cabeça em definitivo, deixando os seus adversários em luta sem tréguas para a 2.ª posição. Mais pesado 579 kgs., o conjunto do Sport

Os Campeonatos Regionais

terminaram no domingo com uma bela jornada

A segunda jornada dos campeonatos regionais de natação caracterizou-se essencialmente por um conjunto de provas bem disputadas, dada a aproximação de valor entre os concorrentes que ocuparam os lugares de honra, decidindo-se, por vezes, nas últimas braçadas, o título de campeão.

Os «tempos», todavia, ficaram à quem do que seria lícito esperar — na sua maioria inferiores aos da época passada. E, caso curioso, foi entre os infantis que se verificaram marcas mais apreciáveis, pois tanto o «tempo» de Guilherme Patrone, nos 60 metros-costas (58 s. 2/10), como o de Lucília Angeja, em idêntica prova (1 m. 3 s. 2/10), são de indiscutível valor e revelam bem as possibilidades futuras destes dois esperançosos elementos do Alge.

Qualquer das provas de principiantes teve êxito. Nos 100 metros-bruços, Carlos Azevedo Júlio (1 m. 33 s. 7/10) bateu sobre a meta Armando Pereira Marques (1 m. 34 s.), que, por certo, se ressentiu do inútil esforço feito na eliminatória.

A prova de 100 metros-livres apresentou as mesmas características, tendo Artur Silva (1 m. 15 s. 1/10) triunfado sobre Fernando Salgado (1 m. 15 s. 2/10).

Como se verifica, os «tempos» não são famosos, mas a beleza dos duelos foi, até certo ponto, uma compensação.

Como beleza teve também a vitória de Luciano Pavão nos 200 metros-bruços, juniores. Realizou 3 m. 30 s. 9/10 contra 3 m. 31 s. 9/10 de Atílio Palma Régo — marcas nitidamente fracas para juniores. Esta vitória apresenta, porém, a particularidade interessante de ter sido obtida por um nadador sem grandes recursos, é certo, mas dedicado pela natação. Foi uma recompensa merecida.

E é ainda dentro das mesmas características de luta magnífica e «tempos» fracos que temos de apreciar a prova de 100 metros-livres, seniores, onde Mira Gomes, que aliás não é um especialista da distância, soube, pleno de vontade e confiança, tentar a sua «chance» na altura própria e triunfar de um lote de «aprinters».

Mira Gomes impressionou-nos bem. Todos os outros estiveram a baixo do normal. A indicação dos «tempos» dá bem a ideia da luta travada. Mira Gomes, 1 m. 9 s. 9/10; Trovão 1 m. 10 s.; Rafael Ramos, 1 m. 10 s. 4/10; Carlos Vieira, 1 m. 12 s. 9/10; Fernando Leal, 1 m. 12 s. 9/10; Carrelhas, 1 m. 13 s. Nitidamente fracas as marcas de Carlos Vieira e Carrelhas, dois especialistas de velocidade para...

Das senhoras, Ana Deniz Pinheiro, evidenciando habilidade a aproveitar, triunfou nos 66 metros-costas. E Maria Ester Moura Cabral ganhou os 100 metros-costas seniores.

(Conclui na pág. 15)

convença pelo estilo e energia. E acabou vencedor, por entre os aplausos intermináveis da assistência, por 2 comprimentos. Por uma proa, a A. N. Lisboa, em embalagem firme, da melhor categoria, bateu o Fluvial Portuense, que se ressentiu do grande esforço inicial. Tempo: 7 m. 45 s. 1/2.

A manhã esteve propícia. Cerca do meio dia chuviscou e as águas agitaram-se, prejudicando a largada dos «shell» de 4 Juniores e «shell» de 8. O «mau tempo» durou pouco mais de um quarto de hora. Na última prova a água já tinha virado, mas a circunstância não impediu que os remadores se batessen com entusiasmo, não se lembrando sequer que estavam a remar contra a maré...

Em representação do sr. ministro da Marinha, presidiu ás regatas o sr. comandante Henrique Tenreiro. Estiveram também presentes representantes da Direcção Geral dos Desportos e do Secretariado da Propaganda Nacional.

ARGONAUTA

Uma aceitável sessão

na qual Amar Bigar mostrou ser o melhor dos dois marroquinos

A sessão de sexta-feira, no Estádio Mayer, serviu para apresentação dos pugilistas marroquinos Amar Bigar e Abdeltif. Não estava a casa cheia como na anterior, porque desse programa faziam parte nomes dos principais do nosso box, mas, no entanto, pode dizer-se que o público ocorreu lento a ver a «novidade».

No conjunto, a reunião pode considerar-se como interessante. Começou por um combate entre dois novos — Guilherme Martins e Joaquim Teixeira — e foi encerrada pelo «match» Mateus-Amar Bigar.

Abdeltif e Amar Bigar têm o mesmo estilo, o mesmo jogo de pernas, movimentos de braços e cabeça, maneira de se guardarem. Sempre em movimento, passos curtos e rápidos, fintas de cabeça, esquivas com o corpo até enganarem o adversário e se pegarem em «corp à corp». Ai, com uma mão procuram impedir a acção do contrário e com a outra baterem. Para melhor, pode dizer-se, com propriedade, da maneira «mechida» como jogam, que estando aqui, e parecendo estar ali, não estão aqui nem ali, estão junto ao adversário...

O primeiro a subir ao quadrado foi Abdel-

tif, que se encontrou com Alberto Afonso. O português, lá velho na arte, não se deixou «levar» por completo (Abdeltif é o peor dos dois), teve visão, para, rápido o atirar ao chão duas vezes com dois «cross», que revelaram a fraqueza dos queixos do marroquino. Contudo, este recompôs-se e fez um combate equilibrado.

Amar Bigar, melhor que o seu companheiro, faz o mesmo jogo, mas mais calmo, mais rápido, mais observador. Aguarda com serenidade, apesar de estar em constante movimento, a melhor altura para «entrar». Mateus, seu adversário, com a arcada aberta desde o 4.º assalto, ficou grandemente prejudicado. Teve, no entanto, coragem e tenacidade para ir até final. Amar Bigar venceu justamente.

O combate de Sousa com o espanhol Guadalupe, de larga prática no «ring», procurou furtar-se como lhe foi possível às séries de Sousa. Este, devia tê-lo contido com outras séries dadas a pouca distância, mas não tão de perto, que o outro o pegasse e o árbitro tivesse de os separar, para novamente Sousa começar a preparação até obter a posição conveniente e... ser logrado de novo.

Há a notar o K. O. que António Silva impôs a Raúl de Oliveira. Este não soube evitar as repetidas séries aos flancos, e assim, no 6.º assalto, acabou por ir ao tapete.

Os combates sucederam-se pela seguinte ordem:

Guilherme Martins (62,00) — Joaquim Teixeira (58,00). Árbitro o sr. Jordão Franco. Teixeira, mostrou boa esgrima e pouco mais. Martins, jogou melhor e tocou mais vezes. O combate, que começou equilibrado, foi-se definindo em favor de Martins. Vitória justa deste nos pontos.

Combate em 8 assaltos, sob a arbitragem do sr. Machado Júnior, entre Alberto Afonso (55,100), e Abdeltif (55,700). O marroquino, foi ao tapete duas vezes, no 1.º e 2.º assaltos. A. Afonso, viu aí um «furo» e só procurou atingi-lo em cheio; tocou-o forte, mas Abdeltif acertou mais golpes. O «match» esteve sempre equilibrado, com os momentos de vantagem alternados entre os contendores. Vitória de A. Afonso aos pontos — foi a decisão do árbitro sr. Machado Júnior. Nulo seria mais certo; na verdade, Afonso não perdeu, mas não mostrou superioridade para ganhar. De tal modo assim aconteceu que a decisão provocou naturais manifestações de protesto por parte da assistência.

Augusto de Sousa (63,100), venceu por pontos Guadalupe (66,200). Foi árbitro o sr. José de Aratijo. A pugna começou com ligeira vantagem de Sousa, mas enquanto o combate decorria, esta foi-se tornando cada vez mais nítida. A. Sousa, precisava ser mais decidido, persistir, e acertar com maior precisão os golpes nos flancos de Guadalupe e, sobretudo, evitar que o adversário descansasse. Vitória justa de Augusto Sousa.

O sr. Alberto Maléque, da Federação Francesa de Box, arbitrou o «match» António Silva (62,700)-Raúl de Oliveira (62,600).

Silva, mostrou mais conhecimentos, melhor estilo que o adversário, conduzindo a maior parte do tempo. Sempre que havia um «corp à corp». Silva tocava-lhe os flancos, coisa que Raúl de Oliveira não soube evitar, fazendo jogo largo e só dando combate em posição favorável. Assim decorreu até que, bem tocado junto às cordas, Oliveira foi a K. O. O público aplaudiu tanto o vencedor como o árbitro pela sua actuação.

Finalmente, Mateus (62,800), defrontou-se num combate em 8 assaltos, com Amar Bigar (60,600). Serviu de árbitro o sr. Carlos Lopes.

Amar Bigar, é daquele tipo magro, mas rijo, capaz de enganar à primeira vista. O combate começou e Mateus deixou-se conduzir

Com os prémios do "Goal da Vitória"

os jogadores leoninos confraternizam

O prémio estabelecido pela nossa revista, para os marcadores, durante o concurso do «Goal da Vitória», no último campeonato nacional, foi, pelos jogadores de vários clubes, reservado para festas de carácter íntimo, levadas a efeito no final da temporada. Os jogadores do Sporting reuniram-se na passada semana num animado jantar. Outro tanto, ao que nos consta, haviam já feito os elementos de outros clubes.

Ao jantar organizado pelos sportinguistas assistiram, não só a maioria dos efectivos e dos suplentes do grupo de «honras», mas também, e a seu convite, o treinador J. Szabo, os directores do clube, alguns consócios que consultam a «comitiva» que acompanhou a equipa em todas as suas deslocações, o nosso presado camarada Tavares da Silva, do «Diário de Lisboa», e Carlos Correia, como representante da «Stadium».

No final da agape, que decorreu com invulgar animação e em ambiente de agradável intimidade, usaram da palavra Adolfo Mourão, em seu nome e no dos seus companheiros de equipa, Isacc Sequerra, pela «comitiva», os directores dr. Amado de Aguiar e Francisco Silva e os jornalistas presentes.

O nosso companheiro de trabalho agradeceu a gentileza do convite com que fomos distinguidos e as referências que, antes, e por todos os oradores, foram feitas à nossa revista e à sua iniciativa, que deu lugar àquela festiva reunião.

Hockey Club de Sintra

SINTRA parece ter encontrado o seu caminho desportivo, aquele que a poderá conduzir ao mesmo nível de actividade e valor já verificado nas outras regiões do país.

A patinagem surgiu em Sintra animada com excelente interesse pelos desportistas locais e conseguiu abafar certas rivalidades — um dos grandes motivos que entravam o desenvolvimento do desporto sintrense.

A iniciativa da Câmara Municipal e da Junta de Turismo, construído um «rink» de patinagem, colocou Sintra em posição de relé no «hockey» patinado, mercê da dedicação dos seus desportistas praticantes que, prestigiando a modalidade, revelam as possibilidades do desporto sintrense.

Porisso o grande dia desportivo que, a linda e histórica vila viveu recentemente, se teve a animação da homenagem aos campeões nacionais de futebol, serviu também de consagração aos jogadores sintrenses de «hockey», cujas qualidades os colocam ao lado dos melhores praticantes da modalidade.

O Hockey Clube de Sintra e os seus representantes devem ter «sentido» bem o ambiente de simpatia que em sua volta se notou nesse domingo, não só no festival desportivo como no banquete em sua homenagem, motivo para sinceras saudações e para pôr em destaque o valioso comportamento dos «hockeistas» sintrenses, dos quais está dependente, neste momento, o desenvolvimento e a expansão do belo desporto na encantadora vila.

A falta de espaço não nos consentiu fazer ao conhecimento a oportuna e merecida referência. Agradecendo o gentil convite que nos foi feito para a sua festa, afirmamos ao Hockey de Sintra a nossa simpatia e apeteçamos-lhes as melhores prosperidades.

pelo marroquino, à parte certas arremetidas em que tocou rijo o seu contendor. Mateus ficou a sangrar desde o princípio do 4.º assalto, findo o qual foi examinado pelo médico, que o autorizou a continuar Amar Bigar insistiu na brecha, e Mateus teve de lutar com ele e com a ferida, que lhe dificultava a visão quando sangrava. Bigar mostrou-se superior, com melhor noção da distância e da oportunidade.

O marroquino venceu por pontos. Vitória justa. O público aplaudiu tanto vencedor como vencido, este por continuar um combate em tão difíceis condições.

SOUZA MARQUES

BASKET-BALL

AINDA OS ENCONTROS NORTE-SUL

OS resultados obtidos pela turma portuense que disputou últimamente os encontros Norte-Sul, não estão de acordo com as possibilidades do meio do «basket-ball» citadino.

Incontestavelmente, o grupo, com «quadros» regionais, não foi organizado com o «melhores» elementos que possuímos — e esse facto causou apreensões por parte daqueles que não andam «enfurnados» nos «bastidores» da modalidade.

Por ocasião do encontro realizado no Pôrto, muitas pessoas, ao adquirirem bilhetes, tinham o cuidado de perguntar como era a constituição do grupo. Ao saberem que Pima, o nosso melhor avançado, não fazia parte do elenco, fizeram mil e uma conjecturas, chegando até a admitir-se um possível «torpedeamento» do melhor homem do norte.

Ora a verdade é uma só, e pena é que, a quem competiu, não houvesse o cuidado de informar o público da razão do afastamento desse grande jogador. As razões dessa atitude não foram sabidas e, salvo se elas se firmarem em ordens superiores, não vemos motivo para que o grande número de simpatizantes do «basket-ball» do burgo não fôsse tornado conhecedor do que se passava.

Entretanto, os dois jogos foram efectuados e, salvo Dias Leite, o resto sabe-se o que foi. A chamada de Pinheiro, destreinado, para o encontro em Lisboa, merece ser criticada.

Com Alvaro doente, e com a impossibilidade de alinhar Pima, o nosso conjunto estava, de ante-mão, entregue à sorte boa ou má do poder técnico do adversário.

E agora ocorre-nos perguntar: porque motivo não jogou Pima? O que há a respeito de Alexandre?

Realidade: triste, mas que não deixa de ser realidade... E es a mesma razão indica que é-se jogador não pode ser dispensado nas selecções.

Nunca se soube o que motivou a ausência deste e de outro jogador. Nós sabemos. Mas não era de nós que o público queria saber o que havia — era de quem dirige a modalidade. E, repetimos, a não ser por instrução oficial, o público portuense tinha o direito de conhecer — e até o exigir — a por que motivo não puderam alinhar esses homens, que ditariam outro resultado, com toda a certeza.

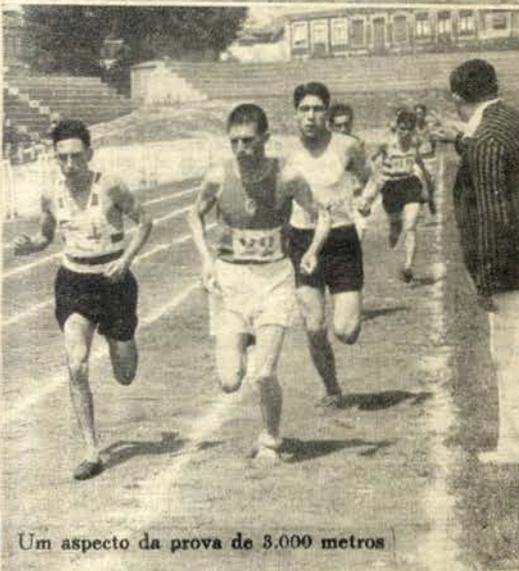
ATLETISMO — *Campeonatos Nacionais de Juniors, no Pôrto*



Um impressionante duelo Benfica-Sporting na estafeta 3 x 300 metros



O campeão de saltos em acção



Um aspecto da prova de 3.000 metros



A chegada dos 1.000 metros



A chegada dos 150 metros

FIGURAS DO «BOXING»

LARSEN

O esperançoso moçambicano, que entre nós venceu já os espanhóis Isidro Pérez e Isasti, cuja reaparição se anuncia para breve no Estádio Mayer, contra o combativo espanhol Gonzalez.



Emoções do BOX

D. Gregório Garcia assustado — O «canto» de Beny — Uma sessão extra... — Boa viagem!...

Há uma semana que está tudo dito sobre os combates do dia dezanove no Parque Mayer. Não vale a pena, pois, repetir o que todos sabem. Há, sim, impressões colhidas no desenrolar da sessão, em condições singulares — das quais, portanto, outros não puderam falar... Foram vividas por um nosso colaborador. Arquivemo-las...

Mr. Guillen, grande de Espanha no mundo do box, esteve entre nós e, por tão poucos contos, nunca terá levado sova tão grande...

D. Gregório Garcia, o mexicano toureiro que endoideceu o sector feminino e a Tertúlia — e por muitos directos tem levado de brutos mais suaves que Agostinho Guedes — sentado a meu lado, estava parvo...

«Um punhetaso de Guedes me mataria a mi» — exclamou ele quando Guillen, sem saber de que terra era, viajava de um canto ao outro, pelos quatro que o ring tem.

E o certo é que por prudência, eu tinha antes do combate começar, pôsto sérias dúvidas em um bom resultado por parte de Guedes. Porque não tenho lido muito de box, principalmente, porque há um quê misterioso nas organizações do murro que só pode ser devassado por uns tantos privilegiados — fui dando de conta própria — o parecer dum camarada bem relacionado no meio, cronista afamado.

Pois sucedeu exactamente como prevíamos ao contrário. O valente Gregório Garcia, apalpando surratamente as nódoas negras de directos e indirectos que tem levado, ta repetindo a cada murro do Guedes: «Es una piedra! Caramba!...»

Quando Beny entrou no ring foi o delírio. Três mil pessoas — já me disseram que seis mil, mas eu não acredito — aplaudiram sem cansar. D. Gregório inquiriu:

— Que pasa, amigo?

Por minha própria opinião fui informando D. Gregório que Beny, o português que entrara no ring com espantoso robe, era, nada mais nada menos, que o melhor «boxeur» português. Depois servindo-me ainda do parecer do tal informador bem informado, acrescentei que Mr. Tarré, espanhol terrível, mas menos terrível que o colega Perez, tinha os minutos contados para estar de pé. Era questão de um breve discurso de Xavier de Araújo, de umas rápidas fotos pelo Nunes de Almeida e do soar do gong. Todo o resto seria rápido...

Entretanto, discretamente, melhor, secretamente, fui tirando conclusões de um ligeiro acontecimento ocorrido na sessão, e não sei porquê, acudiu-me à mente a idéa de qualquer grande desgraça: seria ali, no pobre recinto a que pomposamente chamam estádio do Parque Mayer, que Beny iria fazer trinta e um?

O Beny quer sempre o mesmo canto: o da esquerda alta, como se diz no teatro. Ora, antes, os cantos em serviço tinham sido os da outra diagonal e só à última hora a cena se mudou — precisamente quando Mr. Tarré chegava ao seu lugar para o trabalho que depois se viu ser de pouco luzimento. O segundo do espanhol, um senhor de óculos, tipo caixeiro de loja de sapatos baratinhos, esteve quasi a protestar — se bem compreendi na nâmica que trocou com o seu pupilo.

Foi obra de acaso não ter havido uma revolução por causa disso. Eu já vi que há superstição do Beny com aquele lugar (e não teri sido eu só a ver...) de modo que o espanhol, se iniciasse a questão, haveria de levá-la bem por diante para evitar qualquer combate preliminar...

Confesso que estremei — e as minhas últimas palavras para o toureiro mexicano já não tinham o ar de confiança verdadeiramente confiança, e muito menos de orgulho, que seria licito terem. D. Gregório parece que compreendeu e, fôsse por isso, fôsse pelo que fôsse (que neste caso é o que depois viu...) nunca mais delicadamente, me chamou a atenção para o melhor «boxeur» português.

Assim se prova que, nisto de falar ou de escrever, não há nada como a gente dizer sinceramente o que pensa. Ora eu pensava precisamente que, mau grado a opinião do camarada crítico bem relacionado no meio, Beny iria ter dificuldades sérias e que Guedes atacaria Mr. Guillen com a padeira de Aljubarrota o fez na sua época. Canelas Júnior, com a arenga que botou ao microfone, mais acendeu o terror que me atingia já...

Até que...

...Canelas Júnior tropeçou ao concluir o discurso e foi o seu querido pupilo que lhe evitou a queda. Se os outros têm superstições eu também tenho o direito de as ter — disse cá comigo — enquanto D. Gregório Garcia, mais recomposto do susto que os punhos de Guedes lhe causaram, me disse com graça toureira:

«Quando vá Beny pelear com Guedes?»

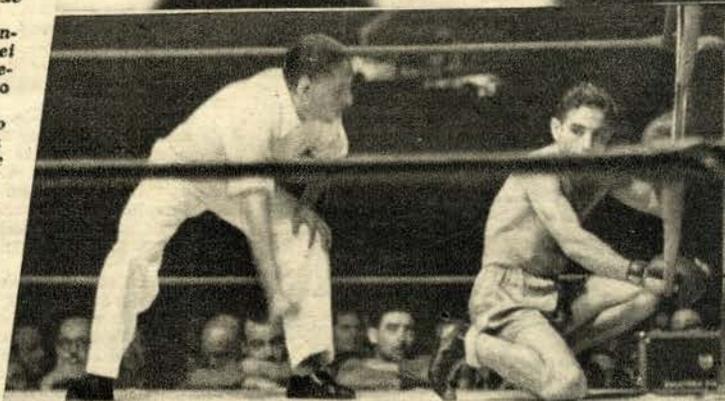
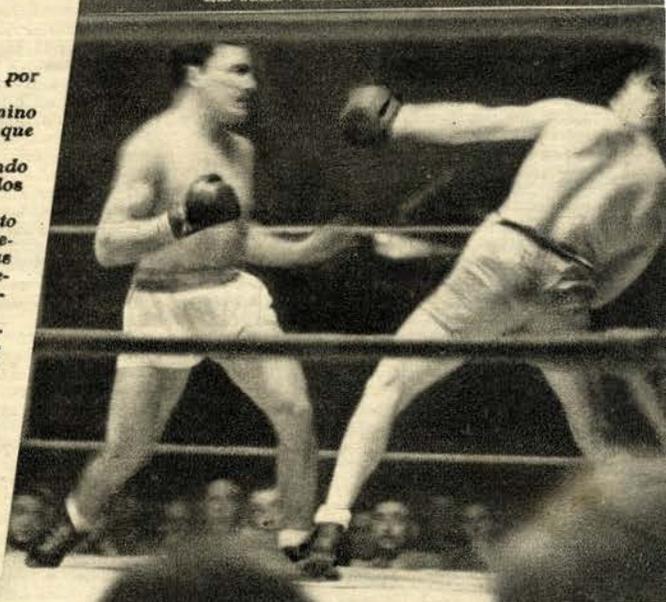
Pouco antes Canelas Júnior desafiara todos — «para que nenhuma dúvida restassem ao bom do público, e D. Gregório compreendia que Agostinho Guedes também era um dos da Tobox...»

Tudo isto que venho de contar e outras coisas mais que me entergonho de escrever, encheu-me de nervos. E como o stock de cigarros se esgotou tão rapidamente como se esgotara o equilíbrio estável de Mr. Guillen,

(Continua na página 14)



Guedes e Guillen com Xavier de Araújo. Em baixo: um momento deste belo combate.



No primeiro minuto, Tarré foi ao tapete e levantou-se ao nono segundo. Em baixo: Levi e Tarré com Pierre Charles e Canelas.



BONITA VITÓRIA DO SPORTING

na corrida à americana, seguido do
F. C. do Porto, Académico e Salgueiros

QUANDO no domingo deixámos o Estádio do Lumiar, depois de terminada a corrida de «2 horas à americana», fizemos mentalmente a seguinte pergunta a nós próprios: o que será nos próximos festivais a luta entre as equipas que têm alinhado nas provas até agora disputadas e as que no sábado regressaram de Espanha?

Se nos basearmos no valor demonstrado pelos homens que ficaram em Portugal e sobretudo na sua infatigável combatividade, e na classe que possuem os «casas» que correram no estrangeiro, decerto mais práticos, mais sabedores e talvez mais rápidos, não há dúvidas que as próximas organizações de pista serão qualquer coisa de extraordinário, de emotivo e de arrastador.

Porque no domingo passado, com quatro equipas apenas de valor equilibrado, e a pesar de nenhuma delas ser especialista em provas de tal género, salvo o «duo» vencedor, a corrida das «2 horas à americana» foi de tal maneira bem disputada, atléticamente, e teve fases tão movimentadas e emotivas, que bem pode considerar-se a melhor competição dos últimos tempos em pistas portuguesas.

Nar a forma os espectadores que não vibraram e não se entusiasmaram com os muitos momentos de beleza de tão grande corrida. E razão houve para que tal sucedesse.

Luta de campeões

Apnas dez minutos rolaram os corredores em marcha moderada. Mas logo que surgiu o primeiro ataque dos homens da Luminária, já não houve tréguas entre os 10 ciclistas que disputavam a prova. E então era ver o que mais vezes tentava isolar-se, o que melhor «sprintava» ou que mais depressa perseguia e recolava.

Nesta luta fantástica — o termo não é exagerado, pois para o justificar basta dizer-se que em 2 horas percorreram-se quasi 80 quilómetros — sobressaiu a figura de Francisco Inácio, Teve, o sportinguista, quanto a nós, comportamento brilhante, mais pela maneira surpreendente como se recompuha dos esforços despendidos a recolocar o a perseguir para conquista dos pontos nos «sprints», do que propriamente pela superioridade atlética. Nesse ponto, fazendo das fraquezas forças, valendo-se de toda a sua energia, da sua «endurance» para «saltar» os adversários, um a um, desde o toque da sineta até ao risco da meta, nisso foi o deuses inigualável.

Em combatividade, os nortenhos Aniceto Branco e Jorge Moreira, do F. C. do Porto, foram incomparáveis. De tal maneira se houveram que por duas vezes conseguiram uma volta quasi ganha a todas as equipas. Só a grande distância da pista, e a falta de «entradas» para «apeloures», que permitisse a rendição mais a miúdo, dificultou e tornou inglório o «esforço» dos portuenses como já havia também tornado infrutífero o de Jacinto e Rebelo, numa oportuna tentativa de isolamento.

Se se juntar aos comportamentos já citados a exibição sóbria, mas sempre produtiva, de Aristides Martins, rola dor exo-letta e regular, e ainda a fogaçidade demonstrada pela equipa de Sangalhos, constituída por José Ferreira e Tálho, facilmente se depreende que a corrida de fundo do festival de domingo agradou em absoluto e só por si bastou para que o já numeroso público que emolurava as bancadas e peço desse tempo e dinheiro por bem empregados.

Resultados — Americana: 1.º Sporting. Inácio-Aristides, 18 pontos, 193 voltas; 2.º F. C. do Porto, Aniceto J. Moreira, 8 pontos; 3.º Luminária, Jacinto-Rebelo, 7 pontos; 4.º Académico, Belmiro Couto; 5.º Sangalhos.

Rivalidade aceitável

Nas corridas de 1.000 metros, reservadas a independentes, após três séries bem disputadas, mas menos emotivas que as dos domingos

anteriores, nasceu no público a ideia de intensa rivalidade, uns a inclinarem-se para uma vitória de José Ferreira, que envergava a camisa da do Sangalhos, outros confiados na força e certa habilidade de Inácio, vencedor das últimas competições de velocidade.

Não ficou iludida a expectativa, porque a final da corrida, justamente ganha por Ferreira, foi emocionante e árdamente disputada. Não deixando Inácio adiantar-se sequer um metro e entrando no último «relevé» lado a lado, Ferreira pôde, mercê de uma «demarragem» sôca ganhar um comprimento sobre o sportinguista, vantagem que este não conseguiu anular com a sua maior resistência.

Também os iniciados tiveram os seus 1.000 metros, «a prova nacional», como se chamava entre nós nos saudosos tempos do velódromo de Palhavã.

Ralha, do Sporting, muito mais forte que o adversário, venceu desta vez o pequeno portuense Onofre, desforçando-se da derrota de há oito dias.

E foi o mesmo Ralha que triunfou no «criterío» de 10 voltas e na prova de eliminações.

Ingressado já na categoria de amadores, veremos o que fará o torrens na companhia dos aspirantes a «casas»...

Um programa que satisfaz

No conjunto o festival de domingo agradou em absoluto. Boa seqüência de provas, ordem na pista, informações cuidadas e a tempo para o público e entusiasmo em bnda nos espectadores. Apenas alguns senões de ordem técnica a remediar e resolver, isto para que os próximos festivais, onde já participam estrangeiros, decorram sem atritos.

Antes de mais nada, e para que as provas se tornem ainda mais espectaculosas, há que abrir «entradas» para a «peloures», a fim de permitir a rendição mais repetida dos corredores.

Depois ter-se-á de concretizar o processo de assinalar rendições. Em toda a parte do «mundo ciclista» toca-se ou anuncia-se, à passagem dos corredores sobre o risco da meta e nunca quando estes saiem da viragem, que têm tantas voltas para render. O número de voltas a «afixado» e quando faltar só uma destas, um tiro ou badalada determina que essa volta é a de «sprints».

Também não deve permitir-se rendições pela direita — devem ser feitas sempre pelo interior — e nunca na recta da meta.

Quanto à marcação dos pontos, quer oficiais quer particulares, há que lembrar que mesmo os corredores com voltas de atraso têm direito a disputar os «sprints»; no assim não fosse não tinha determinado a U. Velocipédica Francesa, com sanção da U. C. I. «que para efeitos de contagem de pontos, mesmo os corredores atrasados disputam os prémios instituídos ou adjudicam pontuação oficial». E mais adiante impõe a federação francesa «que quando um ciclista tenha 10 voltas de atraso — isto em pista com menos de 300 metros — seja eliminado».

GIL MOREIRA

Os internacionais portugueses

regressaram no sábado
de Madrid

Depois de uma digressão triunfal, durante a qual ganharam quasi todas as provas disputadas, regressaram no sábado, de Madrid, os ciclistas portugueses José Martins, João Lourenço, Eduardo Lopes e Alberto Raposo, que a convite de «managers» Ginard se haviam deslocado a Espanha, para correr numa série de festivais de pista.

Aguardavam os ciclistas portugueses, na estação do Rosário, grande número de sócios dos

Emoções do Box

(Conclusão da pg. 13)

calculem as aflições que eu passei — sem ofegar, depois de ver o Guillen quasi a cair e sempre em pé, o Ca. elas J.ª a desafiar os parcos da véspera, o «segundo» espanhol de óculos de sapateiro a narar a possibilidade de mudar de canto...

Foi uma sessão tormentosa para mim! A única coisa que me deu ânimo foi a presença de D. Gregório. Sim, era ele, o «polito» que com Dominguin me fizera frio na espinha, apenas cinco dias antes. D. Gregório, porém, tem má cara... Tudo é negro naquele rapaz — a pele e os pelos... E Mr. Guillen, pelo que lhe ouvi, ainda foi o que mais o impressionou. Na próxima corrida, esperem-lhe pela pancada... — que os métodos do coureiro aragones foram inteiramente estudados.

Camarada Inácio Saravia: não faite!

Para as bandas da geral, enquanto Correla e Guadalupe se mimosavam na leitura da carta líbrica que quinze d-lhes tinha na cara, houve «box» e do «minado». A multidão, agora disposta em anfiteatro, resolveu protestar contra os preços — ou contra as duas coisas, ao mesmo tempo. Foi uma ses-se em cheio — e aí comecei o m-u-mêdo. Aquilo, visto do lugar onde me encontrava, era sério!

Dois bozerra resolutos subiram ao «ring» com luvas de muitas «casas», para meter na ordem os invejosos que, por dez escudos, também queriam ordinárias cadeiras de pau. Iguais às que se tinham arrendado por sessenta e oitenta. Os assaltantes ficaram a perder e só não sei se houve K O A haver, porém, não houve só um, que as luvas quando assentavam faziam eco. Guadalupe, com o adversário já nessa altura entregue ao destino que lhe tinha marcado, mirava, embevecido, a inesperada organização que de súbito se lhe deparava... Um estádio, dentro de outro estádio!

Vale a pena, entretanto, dizer alguma coisa do que foi aquela raiosa luta de amigos peninsulares — que o Kid Lex e por sua naturalidade e attitudes «salerosas», mais parecia, também, um outro espanhol a bat-r-se com um pobre Wenceslau... Desta vez, houve empate. Mr. Ortega deu cabo do canastro a um «boxeur» em bruno, e Guadalupe, mesmo já sem recursos, «chegou e sobrou para o inexperiente borrachinho que lhe apresentaram».

Ficaram para o lote da «mó de baixo» Mrs. Guillen e Tarré. Estes também levaram poucas no canastro, que os portugueses, em questão de patriotismo, quando arregaçam as mangas não deixam seus créditos por mãos alheias.

Foi vertido sangue em bnda — uma coisa que pouco impressionou a D. Gregório Garcia — mas até nisso os portugueses ficaram a ganhar. Guillen, só por si, encheu os baldes disponíveis...

Beni Levi, campeão nacional, e Agostinho Guedes, seu parceiro no valor e na nova confraria, estão contratados para Espanha. Escuso de lembrar-lhes que haverá muito puiho em Espanha à espera da vingança — o prazer dos dois-...

Por mim, confio em que não será fácil abatê-los. Beni há-de recuperar a «forma» perdida e Guedes está um atleta sério.

Boa viagem! — a ambos...

MANOLETE

clubes a que pertencem, assim como amigos e público entusiasmado do ciclismo.

Os corredores foram recebidos na U. V. P., onde a direcção os felicitou pelos êxitos alcançados. Depois dirigiram-se em visita aos jornais da capital, tendo feito a sua apresentação ao público no festival de domingo, na pista do Lumiar.

Os ciclistas espanhóis, que deviam vir com os portugueses, ficaram retidos por deficiência de documentação, chegando hoje ou amanhã a Lisboa.

Da deslocação dos internacionais portugueses daremos p rmenoisado relato no próximo número da «Stadium», focando sob o ponto de vista técnico o que foi essa memorável viagem.

VÍTOR GUILHAR FALA À «STADIUM»

des razões de derrota do F. C. do Pórtio na meia final da «Taça de Portugal»

Campeonatos regionais

(Concluído da pág. 10)

UM princípio jurídico severamente respeitado determina que todos os acusados têm direito a defesa. Por isso vemos que, na falta de defensor particular, há nos julgamentos um defensor officioso, muitas vezes nomeado «ad hoc» pelo juiz da causa.

Depois da acusação levantada publicamente contra vários jogadores do F. C. do Pórtio, dispensados pela respectiva direcção por «falta de brio desportivo», ainda nenhum deles foi ouvido, proporcionando-lhes aquela defesa que não lhes pode ser negada.

O acaso, sempre caprichoso, quis que encontrássemos há dias o discutido jogador Vítor Guilhar, após o seu regresso de uma viagem à capital—feita por motivos de ordem particular, que nada tinham com a sua situação de futebolista. Conversámos largo tempo, dissemos-lhe o que pensávamos, Vítor expôs-nos as suas razões—e é dessa conversa entre dois amigos que recortamos alguns trechos, reproduzidos tão fielmente quanto os ouvimos.

Sabem os leitores que o F. C. Pórtio, por circunstâncias também já conhecidas, não teve comportamento elogioso nos campeonatos disputados na última época. Não curámos de saber nem desejámos averiguar donde partiram as maiores culpas nos desastros sofridos pelo campeão portuense. O esmaecer de certos factos poderia lançar-nos em caminho que vão desejamos pisar. Entretanto, ficou de pé uma verdade: o F. C. Pórtio não teve o grupo necessário para se defender com o seu tradicional «clan», não pôde obter a aconselhável formação estável. Passou toda a época a levar «remendos», sem arranjar a equipa certa, na qual se encontrassem, com homogeneidade, os seus melhores valores.

Mas o acontecimento que levantou maior celeuma foi, sem dúvida, a derrota do F. C. Pórtio perante o Vitória de Setúbal, quando no coração de todos os portugueses se abrigava a esperança de ver as suas cores na disputa do jogo final da «Taça»... E, segundo parece, resultou dessa derrota o castigo aplicado a três dos jogadores de mais valia, cujos nomes foram apontados ao público em nota officiosa do clube.

Seria rigorosamente assim? Não seria? Não sabemos... Uma parte da imprensa atirou-se aos rapazes como Santiago aos mouros... Vergastou-os impiedosamente...

Por isto ouvimos Vítor Guilhar. E ouvimo-lo, com a maior calma, justificar a derrota de Setúbal:

—Uma das causas baseou-se no seguinte caso: a dois minutos do começo do jogo. Valongo, ao efectuar uma defesa, sofreu um acidente grave e fracturou duas costelas. Aconselhei-o a que abandonasse o terreno, visto que não podia agir em condições de segurança e dar animo e confiança ao grupo. Recusou sair e garantiu-me que podia defender. Como o fez—dillo o resultado... Bolas «botadas» de 30 e mais metros entravam nas rédeas sem dificuldade. Como podia ser eu o culpado do sucedido? De resto, reconheço-o, todos estavam em má tarde, numa dessas tardes que se dizem de «enguiço».

Lembrámos-lhe que se afirmou não ter prestado atenção ao encontro, ao passo que perdera tempo demsiado a arranjar os cordões das botas, deixando que a bola passasse junto de si, sem a interceptar. E provocámos a reacção do nosso interlocutor frizando mesmo que se falara até num período de vinte minutos...

—Sim, alguém o disse. Quem? Não sei. Quando tal atoarda chegou aos meus ouvidos indaguei, falei com o treinador Lippo e com várias outras pessoas que assistiram ao jogo, entre as quais um sócio dedicadíssimo do clube—que tem prestado mais assistência moral ao grupo do que alguns dos seus directores. Ninguém me confirmou essa «debre» lançada por aí...

—... porque não era verdade?—atalhamos. —Sim, diz bem: porque não era verdade! Sentimos que existia qualquer pormenor

escondido, talvez um caso remoto, que ditasse má vontade ao jogador—muito embora não ao homem. Guilhar estava ali, na nossa frente, e a ocasião era propícia... Não hesitámos:

—Mas se foi como diz—e não temos o direito de duvidar porque o consideramos correcto e educado—como se inventa uma coisa dessas? Como se castiga dessa forma?

—Nem eu sei... Entretanto, rebuscando um pouco em acontecimentos passados, talvez eu ache a justificação dessa má vontade num incidente havido entre mim e um director. Até numa frase proferida por pessoas com responsabilidades, muito antes de se ter iniciado a disputa da «Taça de Portugal»...

—Frase essa que queria dizer...—insistimos.

—... que a ocasião não era azada para revinditas... O campeonato nacional estava a decorrer, compreende? Precisavam ainda de nós...

E espalhando-se em considerações, o conhecido defeza internacional referiu-nos um caso ocorrido há tempos, fora do Pórtio, deixando-nos advinhar a razão da penalidade que lhe foi imposta.

Mas Guilhar prossegue:

—Já vê: eu não tenho culpas do que aconteceu, mas não podia deixar de ser alvejado quando, por insistência dos meus colegas, me tornava, segundo se convencionou, «um exigente».

Não compreendemos bem e quizémos saber qual a exigência. Guilhar, sorrindo intencionalmente, esclareceu:

—Exigente em pedir aos meus colegas, como capitão da equipa, a satisfação de certos compromissos...

E prosseguindo:

—Por essa razão, e a meu pedido, deixei de ser o capitão do grupo.

Tinhamos a explicação do facto de haver-mos visto, ultimamente, Anjos ocupar tal posto. Mas continuámos. Vieram a lume vários factos, comentaram-se atitudes de dirigentes e dirigidos e, finalmente, disparámos a pergunta que nos queimava os lábios:

—Guilhar: você vai falar-nos sinceramente... Diga o que há sobre a sua ida para o Benfica?

—Absolutamente nada. Concordei que já fui «sondoado» por vários clubes de Lisboa. Mas não. Não tenho compromisso com alguém—com colectividade alguma. Pretendo ficar no Pórtio, em qualquer clube daqui, a ter de ir para a capital. Já dois grupos portuenses me transmitiram a sua boa vontade e o seu desejo de me contar entre os seus representantes—o que me sensibilizou, pois não me assenta o epíteto de incorreto com que fui mimoseado pelo meu antigo clube. Mas nada há sobre isso...

As reticências intrigaram-nos. Insistimos imediatamente—e a resposta veio com franqueza:

—Foi-me feita uma proposta para ir jogar pelo Olhanense. Transmitiu-ma o irmão de Lippo. Não aceitei, está claro.

—Fica então por cá—até ver...

—Sim. Há mais marés do que marinheiros... Demais, comprometi-me a não fazer... ah... iras...

Nesta frase, misto de intenção e ironia, ficámos a cogitar alguns momentos. E já no aperto de mão da despedida ainda desejamos saber:

—Qual a sua situação? Livre, ou quê? Vítor Guilhar mostra-nos uma carta e lê alguns períodos. E acrescenta:

—Como vê, a Federação considera-nos libertos de qualquer compromisso. A carta que o clube dirigiu a cada um de nós—a mim e ao Pratas—assim o deixa entender, pois dispensou os nossos serviços.

—Mas diz-se que não...—insistimos.

—Não me preocupa o que possam dizer... Considero-me sem compromissos com A ou B, incluindo o F. C. do Pórtio...

E separámo-nos. Resta afirmar que a

Gastou 1 m 58 s. Nem melhor nem peor. É a mesma nadadora de há quatro ou cinco anos...

A fechar o programa, o Algés e Dafundo ganhou, sem adversário, as estafetas de 4x200 metros-livres, júniores e seniores.

A terceira jornada

A terceira e última ronda dos campeonatos regionais de natação decorreu no «clima» carregado e pouco edificante que já caracterizara as jornadas anteriores.

Ao cabo de seis ou sete anos consecutivos de paz e concórdia, de que a modalidade tanto beneficiou, a natação está, no momento presente, trilhando por mau caminho. Urge, pois, que se tomem medidas energéticas, a-fim-de que o público não destrua, dum instante para o outro, o que levou tanto tempo a construir.

Mas passemos às provas.

O Algés tem nos seus infantis Guilherme Patrone e Lucília Angeja dois futuros campeões. Assim o deixa antever a maneira como no domingo confirmaram as suas qualidades, correndo os 66 metros-livres respectivamente em 45 s ³/₁₀ e 1 m ³/₁₀.

Os principiantes fizeram os 400 metros-livres, que Fernando Salgado ganhou muito bem, em bom «estilo» e alcançando marca de valor: 5 m 54 s ¹⁰/₁₀.

Nos 100 metros-livres júniores, outro nadador de largo futuro, António Jardim Neto, obteve um belo triunfo e creditou-se com um «tempo» que se pode classificar de bom: 1 m 9 s ⁸/₁₀.

É nadador para ir longe. Bom estilista, pode vir a ocupar na natação portuguesa lugar interessante.

Digno de nota, também, o «tempo» de Fernando Sousa; 1 m 11 s ³/₁₀.

Artur Mendes Silva é um nadador que progride a olhos vistos. Disso é prova a magnífica vitória que obteve nos 100 metros-costas júniores—mas, mais do que a vitória, o «tempo» de 1 m 19 s ³/₁₀, que o coloca entre os melhores da especialidade.

Estes dois nadadores a que acabamos de referir-nos travaram, nos 400 metros-livres, boa luta de princípio a fim. Sempre em «crual», note-se, Jardim Neto triunfou, sendo muito regular o tempo obtido: 6 m 1 s ⁹/₁₀.

Os seniores disputaram as provas de 200 e 400 metros-livres. Na primeira, Mira Gomes voltou de novo a exhibir-se bem. Resistiu perfeitamente ao ataque de Bessone Júnior e ganhou com nitidez. Fez 2 m 35 s, contra 2 m 39 s ⁴/₁₀ do seu valoroso adversário. Na segunda, o silhandrense Baptista Pereira venceu nitidamente, alcançando um dos seus melhores «tempos»: 5 m 35 s ⁸/₁₀.

Mira Gomes, «recordinha» da distância, não foi além de 5 m 51 s ⁷/₁₀ e Jofre de Carvalho com 6 m 3 s ²/₁₀ ficou bastante à quem daquilo que pode.

Das senhoras, citemos a proeza de Maria de Lourdes Bessone Basto com as suas três vitórias, nos 400 metros (7 m 43 s ⁴/₁₀), nos 200 metros (3 m 36 s ²/₁₀) e nos 100 metros-costas, esta no «tempo» «record» de 1 m 36 s ¹/₁₀, categoria júniores.

Para se aquilatar do feito da jovem campeã, bastará dizer que o antigo «mínimo» estava em 1 m 50 s ²/₁₀.

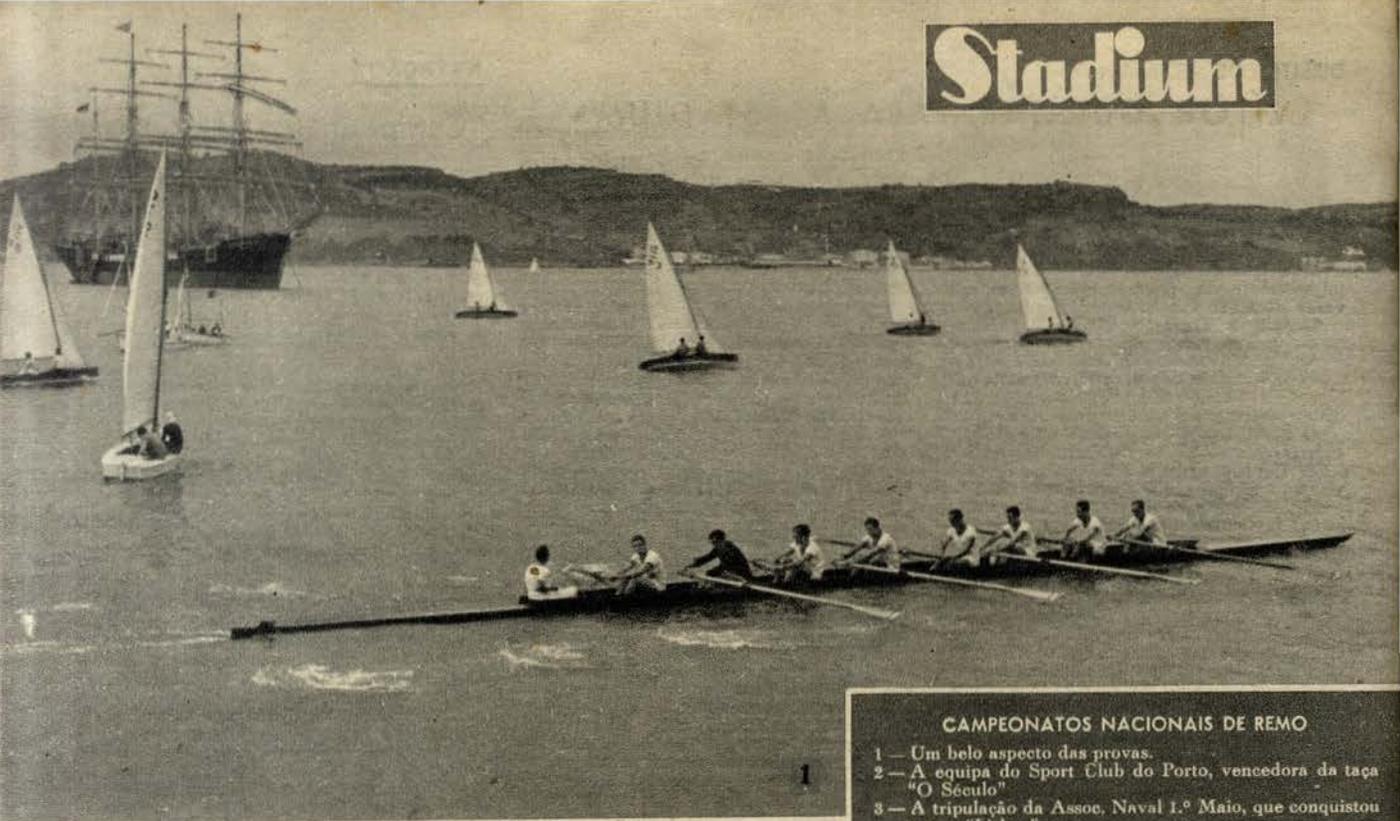
E Rosa Lopes, a estrela do Atlético, averbou também mais um campeonato, o dos 66 metros-bruços senhoras principiantes, em 1 m 6 s ²/₁₀.

ABREU TÓRRES

consideração que tínhamos por Guilhar não diminuiu. Há que reconhecer que continua sendo elemento correcto, disciplinado—um homem que não precisa de jogar futebol para viver...

E está tudo dito.

MARIO AFONSO



CAMPEONATOS NACIONAIS DE REMO

- 1 — Um belo aspecto das provas.
- 2 — A equipa do Sport Club do Porto, vencedora da taça "O Século".
- 3 — A tripulação da Assoc. Naval 1.º Maio, que conquistou a taça "Lisboa".
- 4 — Flagrante instantâneo da prova de "out-riggers" de 8, ganha pelo Sport Club do Porto.

(fotos Nunes d'Almeida)

